

# Quando o coração manda...



**J**ULIETA tinha vivido uma infância melancólica entregue aos cuidados de uma preceptora cruel, numa pequena povoação que magestosamente se ergue no vértice da serra da Estrela. Fôra nessa encantadora terra, nesse verdejante rincão que os seus lindos olhos receberam a primeira luz dos raios solares, fôra ante toda a exuberância da ridente povoação que a Julieta balbuciara as primeiras frases e que fizera os seus exames pri-

mários.

De família Julieta, só tinha a preceptora, uma quarentona fanática que a supliciava com os seus obsoletos métodos de educação. Para Julieta, por esse motivo, só existiam no mundo duas coisas agradáveis: comer e dormir.

Quando despertaram na supliciada da serra da Estrela os primeiros laivos da puberdade, a megera preceptora fez nascer no ingénuo espírito de Julieta uma errada concepção do fenómeno que conturbava o seu ser. Julieta acreditou. A preceptora não a poderia enganar, ela que sempre a tinha acompanhado e a quem devia a sua existência.

Porém, numa fresca manhã, quando o sol punha notas policromas no lago do jardim de sua casinha e os rouxinóis entoavam um hino à Vida, Julieta viu-se atraída pelo busto de um jovem estudante com quem já conversará na escola que ambos frequentavam.

O estudante, José se chamava, ao notar a visível atrapalhão de Julieta aproximou-se dela e durante alguns minutos divagou sobre frivolidades, versando assuntos de botânica, de química e sciências naturais.

A conversa pouco interessava a Julieta. Um anseio grande de viver, de que não encontrava explicação, agitava o seu espírito, obrigava mesmo o seu pequenino cérebro a uma multidão de conjecturas.

Apesar de todas as repreensões e cuidados da preceptora, o idílio entre Julieta e José irrompeu como a lava do vulcão.

Apercebida do «perigo», a grosseira preceptora preveniu a mãe de Julieta, que vivia numa vila alentejana, dos anseios de sua filha. Desta prevenção nasceu a idea de Julieta ser entregue a sua mãe. Assim se fez e José teve que conformar-se com a interdição de Julieta, teve que aceitar a morte da sua querida amada.

\*\*\*

A existência de Julieta converteu-se em perpétuo suplício. Sua mãe, mais cruel do que a preceptora, obrigava-a a um viver estúpido, a uma vida de martírio. Não lhe permitia a única conversa com pessoas extranhas, não lhe consentia que olhasse fôsse para que homem fôsse.

E devido a este viver, o rosto de Julieta de jovial tornou-se severo, as suas expressões de inteligentes converteram-se em odientas.

Dois anos se passaram nesta tortura até que um dia, por uma destas estúpidas circunstâncias, a mãe de Julieta arranhou-lhe para noivo um homem boçal, psicologia de ricaço,

inexorável. Já não ha liberdade de pensamento, a idea fica desde agora acorrentada a meia dúzia de desordeiros sem consciência que fazem lo distúrbio uma profissão lucrativa e a quem ada assusta, desde que se trata de reduzir a impotência os que pensam de maneira contrária!

Estes dois casos, o de Coimbra e o de Paris, devem servir a abrir os olhos, aos que os têm ainda bem fechados!

com um único prazer na vida: ter muito dinheiro.

Julieta abominava o pretendente. A Julieta causava-lhe tédio a sua calvície, repugnava-lhe os seus dentes cariados, arrefecia-a o seu desregrado bigode. Mas sua mãe impunha-lho e o casamento teve que realizar-se num dia de Fevereiro, agreste, melancólico como fôra a vida de Julieta.

Se insípido tinha sido o viver de Julieta, na companhia de seu marido esse viver não tinha melhor beleza, não tinha espiritualidade nem encanto.

O espôso não a empolgava. O espôso torturava-lhe o seu espírito. Os seus beijos viscosos escaldavam-lhe a sensibilidade, tinham um odor que a incomodava. Mas Julieta pertencia à Sociedade, Julieta era uma senhora casada a quem os códigos obrigavam a uma obediência passiva ao marido, uma submissão cruel a um homem a quem detestava.

Numa viagem que os esposos fizeram, Julieta ao passar por uma livraria de Lisboa, viu na montra um livro que lhe aguçou o desejo. Entrou e com a devida vénia de seu marido adquiriu-o. Era *Os Maias*, que Eça de Queiroz traçou com pericia de mestre.

Não descançou Julieta enquanto não leu a derradeira página dos *Maias*, enquanto não reconheceu todo o recheio do livro. A partir dessa hora, Julieta começou manifestando uma particular propensão para a literatura realista. O seu único entretenimento era essa literatura. A sua única distração os livros. No seu espírito abriu-se uma clareira de luz. Julieta ambicionava agora que os dias se succedessem com a vertigem de um relampago. Anceava a morte, abominava a Vida.

\*\*\*

Numa ausência de seu marido, Julieta conheceu em Grandola um moço beirão que ali fôra em missão de caixeiro viajante. Desde os primeiros instantes Julieta notara que o caixeiro viajante, Fernando de nome, a olhava num mixto de grande ternura e admiração.

Quando ambos se encontravam, o pequenino ser de Julieta conturbava-se violentamente. Por mais conjecturas que fizesse não encontrava o motivo porque Fernando tanto a empolgava. Na verdade o caixeiro viajante era uma figura insinuante, um rapaz bastante culto e muito inteligente.

Estes predicados foram reconhecidos por Julieta no primeiro dia que falou a Fernando.

Dai em diante, de banalíssimas conversações que derivavam dos encontros, succedeu-se uma fraternal amizade.

Fernando todas as vezes que podia ia a Grandola visitar Julieta, que o recebia sempre discretamente, não fosse a vizinhança interrompesse aquele amor tão real, aquela existência tão risonha!

No espírito de Julieta começava a notar-se nma grande lucidez. As conversas do seu marido, maquinalmente feitas à mesma hora, no mesmo sitio e com os mesmos guturais sons, fastidiavam-na como o tique-taque de um relógio.

Com Fernando não succedia o mesmo. Fernando falava com desenvoltura de qualquer assunto, numa grande elegância de frase, num ritmo agradável.

Foi num desses felizes momentos de conversação, quando Julieta se deleitava ante a fluência do verbo do seu admirador, que Fernando num movimento instintivo osculou o encantador rosto da sua amada.

Julieta ruborizada repeliu Fernando. Se há muito que um desejo irresistível a fascinava. No seu cérebro escaldante baralhavam os pensamentos, mil preságios passavam em diabólica

correria Uns laivos de pundonor espicavam-lhe a sensibilidade.

Mas que fazer? Aquele anelo de felicidade era mais poderoso do que as mais respeitadas convenções!

E vencidos por esse grande anseio de vida, horas depois, Fernando e Julieta mergulhavam-se na penumbra do mistério que os atraía como valioso iman...

ALFREDO MARQUES

## A MENTALIDADE NOVA

# A cobardia da geração que desponta

Devemos esquecer o passado, voltando os olhos para o futuro



**S**ou novo, e por isso o meu espírito, rebelde e sonhador, derruba todos os preconceitos arcaicos que formam a sociedade existente. Caminho para o futuro, o passado não me interessa, indago os horisontes dum novo princípio ideológico. Levando, na alma, uma ansia enorme de lutar, despojando a Verdade das suas falsas vestes.

Por isso, quando o meu espírito novo contemplou o existente, senti que um mar revolto me invadia, despertando-me para a luta.

Na ansia de devastar todas as ideas, criando outros princípios que mais se aproximassem da Verdade. Confiando, cegamente, nas almas moças, naqueles que surgem, trazendo, como eu, um incomensurável sonho. Com uma fé sem limites pelo triunfo das ideas modernas. Todavia a minha confiança desvaneceu-se ao ver que os campos da luta eram desertos, sufocados pelo silêncio. E senti-me penetrar duma estranha frialdade, ao ver a indiferença dos espíritos moços, ante os preconceitos que rodeiam a Vida e a Arte, ante as mentiras duma sociedade artificial, sustentada pela hipocrisia. A flor sublime da rebeldia não desabrochava nos corações moços. Poucos eram aqueles onde o seu perfume se derramava, poucos eram na verdade. Uma cobardia de castrados invade a geração nova. Sufocam, na alma, a voz instintiva da rebeldia espiritual, como se temessem ser esmagados por uma força invisível. Fogem à luta, como um enucho às relações sexuais. Por impotência. Com medo, com temor. Não sentem a revolta penetrá-los e continuam a sofrer o estado actual das coisas.

Eu, um desconhecido, tremo de vergonha ao ver a apatia dos novos, o adormecimento que os invade. Vejo-os tímidos, trémulos, com um grande respeito pelos mestres, seguirem as pegadas que eles deixaram impressas no caminho percorrido. Contemplo uma Arte igual, sem tacetas originais — uma cópia inferior do já realizado. E não presinto sequer a mais leve erupção nesses espíritos juvenis, suggestionados pelos argumentos clássicos de que todo o artista moderno deve beber, nas fontes do passado, o alento da sua arte futura. Vejo-os obedecendo, cegamente, à tradição. E isto entristece-me, já porque se não revelam valores originais, fora das formas clássicas, já porque eu sinto Portugal sem a mais leve mentalidade, mendiga de valor.

Continuam adorando figuras mortas, temperamentos que viveram numa época passada, esquecendo que, se essas figuras surgissem



# Através dos Livros

Campos Lima — A TEORIA LIBERTÁRIA OU O ANARQUISMO —  
Conferência realizada na Universidade Popular Portuguesa  
(Ed. Spartacus)



dr. Campos Lima publicou agora nas "Edições Spartacus" a conferência que realizou na Universidade Popular Portuguesa, sobre "A teoria libertária ou o anarquismo".

A conferência é sempre uma forma imperfeita de propaganda, se está condenada a não viver depois a vida eterna do livro. Fez bem, portanto, o dr. Campos Lima em editar, em dar perpetuidade gráfica à sua obra magnífica.

Há-de soar a desconchavo o adjectivo "magnífico" aplicado a um trabalho de simples vulgarização, a uma vaga conferência realizada numa Universidade Popular, sem riquezas de erudição

nem louçanias de estilo que o seu objectivo didáctico não comportaria.

Simple, desprezenciosa, clara e precisa, a conferência do dr. Campos Lima atinge, para quem a leia e bem medite, a magnificência esplêndida que é atributo de tudo quanto o génio toca. E' preciso estar muito trabalhado pela ideia, ter uma grande gymnástica mental, uma visão nitidíssima do momento e do ambiente, um equilíbrio e uma harmonia helénicos, para num opúsculo de cinquenta páginas — que dariam umas escassas duas horas de leitura — encerrar todo o pensamento libertário, o saber e a revolta acumulados em séculos e a antevisão do futuro, transparente, quasi palpável, mas sem nenhum dos artificios do sonho.

A vasta cultura jurídica do dr. Campos Lima, sólido alicerce da sua ideologia revolucionária, não bastaria, por certo, para erguer o edificio da sua obra de pensador. Pena é que a fecunda intelligência do dr. Campos Lima se disperse no jornalismo, na advocacia, no magistério e, o que é pior, na factura de obras de ficção indignas de quem exerce tão nobremente a faculdade de pensar. Não se concebe sem esforço como a mesma

hoje, realisariam uma obra completamente nova, que rasgasse desconhecidos horisontes à arte. Esquecem-se que não é possível transportar o pensamento pretérito para uma época futura.

Não sentem a palpação nevrótica, duma requintada preversidade, do ritmo da vida moderna.

E, todo o moço imberbe que aspira a literato sente receio de fazer afirmações que possam ferir os consagrados.

Não têm personalidade e as suas obras nada encerram de inédito para saciar a sede de originalidade que abraça as almas. Sufocam, em si, o instinto rebelde que têm levantado as mais belas obras...

E, se algum espirito livre, arrojado, pretende impor uma feição original nas obras, logo os novos, aqueles que têm a cobardia de enforcarem a sua personalidade, o atacam... Mas duma maneira covarde, uma luta desigual.

Assim queixam-se que Portugal é um país de nulidades, sem uma forte corrente mental. Esquecendo que a causa desta falta de valores é a sua cobardia, muitas vezes a sua impotência. E são sempre vermes, rastejam miseravelmente no humus. Ao passo que os Grandes, lutando sempre, elevam-se com as suas ideias, com as suas obras. Tudo o que é novo triunfa sempre; o velho morre, perde-se nas cinzas do passado.

Assim... forma-se uma temerosa legião de iconoclastas, com o fim de destruir os preconceitos que rodeiam a Arte e a Vida. Para que uma e outra resurja do entorpecimento que as invade. Até ao triunfo do que é novo, inédito, limpo de arcaísmos... Erguendo, assim, uma Obra preñhe de originalidade, que fique como um padrão, assinalando uma época.

E essa missão deve ser encetada pelos novos, por aqueles que hoje começam a penetrar as sendas da Arte e da Vida, com receio de sacudir a poeira das convenções, — lançando às turbas, o grito de revolta, incitando os homens à luta e ao trabalho, erguendo assim, uma nova Ideologia. Que esse esforço seja nobre, levantado, tão grande como o infinito.

EUGÉNIO NAVARRO

pena que escreveu "O Estado e a Evolução do Direito" — obra que composta noutra língua seria pelo menos europeia — escreveu depois "O Amor e a Vida". Também repugna crer que quem traçou os capitulos de lógica inabalável da "Revolução em Portugal" tivesse desperdiçado o seu tempo a compor "A Ceia dos Pobres", contraste, ou antes mais uma das muitas paródias à "Ceia dos Cardiais", do sr. Júlio Dantas.

Passemos, porém, a apreciar o mais recente trabalho do dr. Campos Lima, deixando a sua obra pretérita, respeitável em bloco, não obstante os senões que se lhe notam.

\*\*\*

O dr. Campos Lima prefere, acertadamente, a designação de libertarismo à de anarquismo. Se as palavras são símbolos das ideias, que à ideia renovadora e construtiva da harmonia social futura corresponda um símbolo positivo, que afirme o Bem de preferência a negar o Mal. Mesmo o termo anarquia não corresponde integralmente à ideologia libertária, corpo de doutrinas que não só nega o principio da autoridade, como afirma tudo quanto é possível consubstanciar no Direito Natural.

Define depois o pensador o comunismo libertário, aludindo de passo às outras escolas económico-sociais ditas avançadas. Demonstra a seguir a lógica e a base científica do libertarismo. Aponta a evolução já acentuada na sociedade actual, para as fórmulas libertárias, acentuando que o Direito Internacional é a realização da norma jurídica anárquica. Refuta, brilhantemente, os argumentos opostos à concepção libertária da sociedade humana. Conclui estabelecendo o paralelo entre o comunismo autoritário e o integral, em algumas páginas de crítica serena e elevada ao regime bolchevique.

Essa última parte da sua conferência, documentou-a, honestamente, o dr. Campos Lima com os testemunhos de Archinoff e Angel Pestaña. Toda a outra parte doutrinária, porém, teve o pensador o bom-senso de a não sobrecarregar com citações inúteis, tornando o seu trabalho de fácil assimilação.

O bem ordenado da obra, o método de exposição que Campos Lima nela adoptou, lúcido, intuitivo e rigoroso, tornam a sua conferência um admirável instrumento de propaganda, um catecismo, um *vade-mecum*, que cumpriria espalhar numa edição gratuita.

Para aqueles que se dizem libertários por sentimentalismo, o dr. Campos Lima ensina-os a sê-lo por raciocínio. Para os que se afirmam reaccionários, em nome dos direitos da intelligência, o trabalho do pensador libertário será, por certo para os que estiverem de boa-fé — a sua estrada de Damasco. E' que raras vezes em conferências ou opúsculos de propaganda, se terá atingido um tão extraordinário poder de síntese aliado a uma tamanha força de persuasão.

Mesmo para os que supõem tudo saber sobre a ideologia libertária, a conferência do dr. Campos Lima terá seus méritos, pois permitir-lhes há discutir com o autor determinadas teorias expandidas. Uma delas, e de-certo a que mais se prestará à controversia, é a que confia a eliminação das degenerescências humanas à aproximação sexual dos indivíduos degenerados. Sem dúvida, o dr. Campos Lima baseou esta teoria em rigorosos dados científicos. Contudo, aos biólogos e antropologistas cabe dizer a última palavra sobre a sua arrojada hipótese.

Mário Domingues — ENTRE VINHEDOS E POMARES —  
Novela — (Ed. Spartacus)

Este Mário Domingues que agora publicou o seu primeiro livro, a novela "Entre vinhedos e pomares", é o mesmo jornalista culto e sóbrio, elegante na prosa e

claro no pensamento, que todos nós, leitores desta folha, conhecemos. E' o mesmo, mas não parece.

Estas coisas só se dizem assim rudemente, a quem tem intelligência para as compreender e alma suficientemente grande para sentir que por detrás delas nada mais está do que o culto escrupuloso daquilo que supomos ser a verdade.

E' que esperavamos de Mário Domingues, camarada que nos habituámos a admirar, através dos seus escritos e da sua nobre coerência — um livro diferente daquele a que deu o título de "Entre vinhedos e pomares". Trata-se é certo de um "primeiro livro", mas Mário Domingues não inicia a sua carreira literária. Não é um neófito "com merecimento" que seja mister estimular e acarinhar. E' alguém com responsabilidades mentais, a quem temos o direito de pedir que as continue.

\*\*\*

O entretcho da novela "Entre vinhedos e pomares" que possui a arquitectura própria do género, pode resumir-se assim:

Carlos Martins, propagandista libertário, vai realizar uma conferência numa vila do Douro e é convidado a passar alguns dias na Quinta de Emílio Fernandes, vinicultor abastado da região, que na sua mocidade se apaixonara pelas ideias avançadas e que procura viver o mais coerentemente possível. Uma filha de Emílio Fernandes, Maria Luísa, que conhecia o propagandista através dos seus escritos, habituára-se a admirá-lo e mesmo a amá-lo platonicamente.

Ao vê-lo, apaixonou-se e Carlos Martins convencido que deve consagrar-se inteiramente ao seu ideal e não a uma mulher, retira para Lisboa, a despeito de amar também a jovem. E' preso e do calabouço escreve uma carta a Maria Luísa, dizendo-lhe ser impossível o amor entre os dois. Emílio Fernandes, vem à capital, consegue que o propagandista seja pôsto em liberdade e leva-o de novo para a sua quinta do Douro. Lá compreende que a filha está enamorada do amigo e opõe-se a qualquer ligação entre os dois, pelos mesmos motivos que Carlos Martins alegava. O propagandista resolve porém, ligar-se à jovem, por compreender que isso em nada impedirá a missão que se impoz e di-lo a Emílio Fernandes, que concorda e dias depois Carlos Martins e Maria Luísa ligam-se numa união livre.

Além das figuras principais a que aludimos, giram outras à volta delas, como a de um padre devasso, comilão e desleal, que serve de pretexto ao escritor para dizer algumas verdades sobre os vícios e malas-artes da casta clerical.

\*\*\*

Conhecido o entretcho da obra não poderemos deixar de reconhecer que ela é romântica, ultra-romântica, quasi pueril. O neo-romantismo surgiu neste periodo de decadência literária, como uma novidade, contudo a novela de Mário Domingues, nem neo-romântica é.

As figuras que Mário Domingues poz a viver "Entre vinhedos e pomares" embora tenhamos a intuição de que foram copiadas em parte do natural, e o próprio autor o confessa dando a entender que a novela é um pouco auto-biográfica, — são em nossa opinião inverosímeis. A psicologia de cada uma delas, excepção da de Carlos Martini, parece-nos errada. Não há padres assim, — são todos piores. Não há vinicultores assim, ou então não são vinicultores. Sobretudo, não existem Marias Luísas assim, ou se existem são tão raras, tão raras, que é caso para felicitar-mos Mário Domingues, por ter encontrado uma para modelo.

Talvez a novela de Mário Domingues esteja certa, mas isso não basta — é preciso parecê-lo. Assim, com o seu enredo ingénuo; o seu ar bucólico, lembra os livros de Júlio Diniz, ou essa sensaboriazinha que é "A Rosa do Adro", a novela mais popular de Portugal. Desejou Mário Domingues fazer um trabalho nesse género, para penetrar as camadas menos cultas da população, levando até elas um pouco da sua ideologia de revolucionário? Se sim, conseguiu inteiramente o seu objectivo. Isso satisfará, porém, à sua sensibilidade de artista, que a sua devoção de apóstolo, não pode nem deve obliterar?

\*\*\*

Mário Domingues atingiu na sua novela aquela linguagem clara e luminosa, com seus ressaibos anatolia nos, que todos nós lhe reconhecemos.

Se algum reparo tivéssemos a fazer seria só alguns neologismos inúteis como: silenciar-se e ao uso frequente de determinadas expressões antipáticas como os "lábios sensuais" do protagonista e a alusão frequente à qualidade de "donzela" da jovem.

Mário Domingues, porém, não despreza essa coisa que muitos "escritores" descuram bastante e que é na verdade mínima; saber escrever na língua em que escrevemos. Isso é garantia de que, um futuro livro, traçado com sangue e com nervos, com dor e com revolta, em que o novelista penetre o mistério infinito da alma humana e desenhe com nitidez os caracteres e os conflitos — e que na sua novela não existem — o leitor encontrará uma linguagem bela ao serviço duma bela ideia.

J. B.

Os conselhos duros não fazem efeito algum; são como os malhos que são sempre repellidos pelas bigornas.

HELVET US

Os principios absolutos conduzem infalivelmente a consequências absurdas.

S. DE SANS

Nos dias 1 e 15 de cada mês  
Revista grafica de novos horisontes sociais  
Preço 1,50

Renovação